

Bartleby, o escrivão: disciplina, dissidência e a potência vital da comunicação¹Fernanda LUZ MORAES²Renata ANDREONI³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

No presente ensaio, nos propomos a refletir sobre a potência da comunicação nas organizações e dinâmicas sociais, partindo do deslocamento no tempo, recorrendo a obra literária *Bartleby*, produzida no século XIX, de Herman Melville. As articulações que pretendemos estabelecer em tecitura com a literatura partem da perspectiva comunicacional pautada pela negociação para a convivência mútua (Wolton, 2011), em contraposição à racionalidade neoliberal orientada por metas, desempenho e alta performance pautadas em um contexto social da positividade (Han, 2017; 2024). Também buscamos relações entre o “prefiro não fazer” de Bartleby (Melville, 2017), um sujeito que vive apenas um presente sem a potência do desejo (Deleuze, 2011), ao olhar de como o corpo dissidente desestabiliza a ordem organizacional, mesmo quando não assume a forma de confronto explícito.

Palavras-chave: bartleby; comunicação organizacional; positividade; dissidência.

O que vivemos, experienciamos e percebemos em nossas trajetórias no cenário organizacional emerge e (re)constrói nossa percepção de mundo, seja ela em relação a nós mesmas ou para/com o Outro. Partimos de um olhar que entende a comunicação enquanto o exercício da negociação para a convivência mútua (Wolton, 2023; 2011). Colocar-se em na relação representa buscar semelhanças em meio às diferenças, perspectiva contrária à lógica da produtividade, que busca eliminar qualquer possibilidade de coabitação entre diferentes.

Entendemos que essa é uma realidade presente no cotidiano comunicacional da organização, espaço onde naturalmente coabitam o consenso, dissenso, acordos,

¹ Trabalho apresentado na modalidade Grupo de Pesquisa – GP2: Discurso, identidade e relações de poder –, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda e Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCom) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais e em Relações Públicas pela PUCRS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa de Estudos Avançados em Comunicação Organizacional – GEACOR/CNPq. E-mail: fernandamoraes@gmail.com.

³ Doutora e mestre em comunicação social pelo PPGCOM/PUCRS. Fundadora e Presidente do Instituto ELaborar, uma Organização da Sociedade Civil (OSC). Membro do Grupo de Pesquisa de Estudos Avançados em Comunicação Organizacional – GEACOR/CNPq. E-mail: andreoni.renata@gmail.com.

diferenças, pluralidades, diferentes realidades que ali estão entrelaçadas. Por outro lado, a necessidade do “fazer”, “entregar” e “alinhar”, expressões comumente utilizadas em nossas realidades, geram certo desconforto quando colocadas em negociação com as diferenças. A necessidade produtiva do atingimento de metas, cada vez mais inalcançáveis, coloca no centro da agenda organizacional o desenvolvimento de indivíduos e equipes de alta performance. Nesse contexto, interações humanas tornam-se apenas um mecanismo a ser operado em prol do melhor desempenho, forjado numa rede contínua de estímulos, informações, impulsos e treinamentos. Cria-se uma atmosfera onde tudo é possível e o alcance de poder é ilimitado. “No lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. [...]” (Han, 2017, p. 24-25). O que vemos aqui é um excesso de positividade permeando as inter-relações que são (re)tecidas no cotidiano do mundo do trabalho.

Essa realidade atua enquanto estrutura morfológica social propulsora de adoecimentos, baseados em performance e desempenho. Para ele, cada vez mais estamos distantes da possibilidade de ir ao encontro do outro, justamente por vivermos o que ele (Han, 2017) denomina como “sujeitos ensimesmados”. O corpo dissidente, nesse sentido, gera resistência e altera a dinâmica do espaço e das relações que são (re)tecidas nas organizações.

No caso da comunicação organizacional, entendemos que ela atua enquanto dimensão potencializadora de inter-relações e isso representa tanto o potencial de vida em uma perspectiva saudável, como também o potencial produtor de aniquilações, que são compartilhados e tangibilizados através das dimensões comunicacionais percebida, experienciada e vivida (Scroferneker; Amorim, 2016). A dinâmica organizacional contemporânea reconfigura a economia da atenção, alterando os regimes de interação e as formas de relacionamento social. Nesse processo, a comunicação não apenas sofre os efeitos dessas transformações, mas também atua como operadora central de sua produção e reprodução, configurando um processo recursivo no qual comunicação, transformação e reconfiguração das práticas sociais se retroalimentam continuamente.

Para refletirmos, neste ensaio, sobre a potência da comunicação nos espaços laborais e nas dinâmicas sociais, propomos aqui um deslocamento no tempo, escolhendo recorrer a uma obra literária produzida no século XIX. Embora mais de um século nos separe de seu contexto de produção, entendemos que, a partir dela, é

possível observar os impactos comunicacionais na formação das mentalidades e nas dinâmicas organizacionais e sociais de uma época. O que propormos é um exercício que possibilite colocar a literatura e a comunicação em relação para e com temas que estão relacionados à complexidade do cotidiano e inter-relacionados à comunicação organizacional, tais como trabalho, autonomia, alienação, conflito e impossibilidade de negociação. Vamos reunir e dialogar com cenas literárias (Rancière, 2021), na medida em que a obra mobiliza temas relevantes para a *práxis* da comunicação nas organizações do trabalho na contemporaneidade. Dessa forma,, torna-se possível traçar possíveis similitudes, sem incorrer em anacronismos, que evidenciem dimensões de dissidência, passividade e resistência nas dinâmicas dos espaços e das relações (des)humanas.

A obra *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville (2017) traz uma reflexão importante sobre a tecitura entre comunicação e diferenças. Apresenta a história de um advogado, cujo nome não é identificado, que administra um escritório jurídico em Wall Street, Nova York, e contrata um indivíduo de nome Bartleby para copiar documentos em seu escritório. Até a contratação de Bartleby, o ambiente de trabalho era marcado por uma rotina burocrática previsível, organizada segundo horários e funções bem delimitadas junto a três outros funcionários: Turkey (copista produtivo pela manhã, mas irritado à tarde), Nippers (jovem ambicioso e impaciente, eficiente sobretudo no período vespertino) e Ginger Nut (rapaz encarregado de pequenos serviços).

Bartleby passa a responder às solicitações do advogado com a resposta: “Prefiro não fazer”. Sua recusa é sempre expressa de maneira calma, sem agressividade ou justificativa, utilizando a frase “Prefiro não fazer” (Melville, 2017). Gradualmente, ele deixa de executar tarefas específicas até recusar-se a realizar qualquer atividade. Por fim, permanece imóvel no escritório, mesmo após ser demitido.

O comportamento de Bartleby pode ser caracterizado, em um primeiro momento, pela passividade: ele não confronta, não argumenta, não reivindica. Sua negativa, contudo, desestabiliza profundamente o narrador, que oscila entre irritação, perplexidade e compaixão. Incapaz de compreender e/ou enfrentar diretamente essa forma de resistência silenciosa, o advogado tenta acomodar a presença do escrivão, chegando a tolerar que ele passe a viver no próprio escritório. Quando a situação se torna insustentável, o advogado decide mudar seu escritório de endereço para livrar-se do

problema que é a presença aparentemente passiva do escrivão. Bartleby, entretanto, permanece no prédio, sendo posteriormente preso por vadiagem. Na prisão, mantém sua recusa em se alimentar e morre por inanição.

Para Han (2017), Bartleby simboliza a negatividade vinculada à chamada sociedade disciplinar, sua resistência é silenciosa, não confrontativa, porém, suficientemente potente para desestabilizar a ordem estabelecida, ao simplesmente não aderir a ela. Por outro lado, o personagem torna-se um contraponto quando olhamos para o contexto social atual, marcado pela positividade excessiva e pelo desempenho incessante (Han, 2017).

Em seu ensaio *Bartleby, ou a fórmula*, Deleuze (2011) entende Bartleby como uma figura radical da linguagem e da potência, como um sujeito que estabelece sua própria lógica da preferência em meio aos pressupostos esperados. Melville (2017) nos leva a um contexto disciplinar, do corpo dócil referido por Foucault (2014) em *Vigiar e Punir*, enquanto hoje, na sociedade do desempenho e positividade (Han, 2017), a dissidência assume outra configuração. Entendemos que ela não é exatamente proibida, mas sim tolerada quando beneficia o próprio sistema, onde a disciplina neoliberal atua para anular a revolta em relação à ordem social (Safatle, 2020).

Não se trata de uma dissidência plena, mas de uma positividade controlada, em que “todos podem”, desde que dentro da lógica que sustenta o status quo referido por Han (2017). Por outro lado, o que marca o século XIX, especialmente em relação ao trabalho, é uma lógica estruturada pela disciplina, pelo poder disciplinar e pela obediência.

Em nossa perspectiva, esse contexto histórico é importante para entendermos a obra sobre Bartleby (Melville, 2017). Ela nos leva a refletir sobre o que acontece nas relações quando surge alguém que não corresponde às expectativas normativas daquele sistema. Ainda que seja uma lógica distinta daquela disciplinar, a dissidência também não é plenamente aceita. Se o medo é presente, o que nos impulsionaria, enquanto sujeitos, a exercitar a resistência?

Bartleby é um indivíduo adoecido pelo sistema, vivendo apenas um presente sem a potência do desejo (Deleuze, 2011), o que o torna um sujeito, possivelmente, depressivo. Sua imobilidade, em nossa perspectiva, não é, necessariamente, de consentimento, já que seu comportamento ao preferir não fazer altera a dinâmica do

espaço e das relações, entre o advogado e os funcionários. O corpo dissidente continua sendo problemático. Seja na obra de Melville (2017) ou no contexto abordado por Han (2017; 2024), o que permanece é a produção de sujeitos dóceis. Antes, dóceis pela obediência; agora, dóceis pela internalização da lógica da produtividade e da positividade.

A constituição de subjetividades, portanto, é continuamente estruturada e reestruturada por meio da comunicação e das formas como as relações se estabelecem nas organizações e na sociedade. Entre a disciplina dos corpos dóceis e a positividade dos corpos adoecidos, a dissidência pode ser uma via para a comunicação se constituir enquanto uma potência vital?

Referências

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: editora 34, 2011. 2ª. Edição.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2ª ed. Ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *O espírito da esperança: contra a sociedade do medo*. Tradução de Milton Camargo Mota. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. *A violência invisível em contextos organizacionais: desigualdades, vulnerabilidades e resistências*. Porto Alegre: Sulina, 2024.

RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 17-46.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade; AMORIM, Lidiane Ramirez de. Por uma topofilia da comunicação organizacional: reflexões sobre espaço e lugar da comunicação. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 13, n. 24, 2016. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/689>. Acesso em: 05 mar. 2026.